

humanitas

Vol. XXXVII-XXXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXVII-XXXVIII



C O I M B R A

MCMLXXXV-MCMLXXXVI

o autor lê o texto de Mestre Gil como o de um ortodoxo, negando-lhe o luteranismo que Teófilo Braga e Carolina Michaëlis lhe atribuem. Apesar de o artigo trazer sobejos exemplos da crítica feita pelo pai do teatro português aos clérigos e frades, o comentário quanto à ortodoxia é fraco. E isso simplesmente porque a consciência religiosa de Gil Vicente não pode ser levantada apenas pela sátira que faz ao clero, o que, quando muito, subentende uma outra ordem, mas não aponta qual seja ela. Para se ter uma ideia do pensamento religioso de Gil Vicente, seria preciso analisar-lhe os textos de carácter sagrado. E não basta, como faz o articulista, recorrer ao *Auto da Barca da Glória*, onde, ao lado da misericórdia divina, há o dado corrosivo do riso que castiga os maus costumes e os vícios das instituições. Foge, portanto, aquela que é a melhor crítica literária do P. Donaciano ao seu objectivo.

O P. Donaciano jornalista que Filipe de Figueiredo nos apresenta é um homem preocupado não só com os problemas da alma como também com os do corpo. Nos seus artigos, fala do abandono a que eram votados os cultivadores do milho, bem como se bate pela estrada que liga São Jacinto a Ovar, pela ponte sobre a Ria, pela industrialização da região de Aveiro, pelo turismo como fonte de receita, pelo ensino técnico. E dessa curiosa inteligência, cuja obra literária está impregnada de espírito cristão e de lirismo, mas que é capaz de dirigir-se aos governantes com vigor, pedindo providências económicas e sociais, brotam peças oratórias da mais variada motivação. Tendo achado por bem publicar em volume isolado a oratória sacra, Filipe de Figueiredo incluiu no presente livro os discursos ditos profanos do P. Donaciano. Neles, também se podem ver a fluidez da linguagem, a originalidade da imagem e, principalmente, o vigor, do qual, aliás, a epistolografia publicada é excelente exemplo.

Digna de louvor, não só porque preserva a memória de uma época da cultura portuguesa, como também livra do esquecimento o espírito e a letra de um estarrejense, é, portanto, a iniciativa da Casa Municipal de Cultura de Estarreja.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

ERIKA RUMMEL — *Erasmus as a Translator of the Classics*. University of Toronto Press. Toronto, Buffalo, London. X + 182 pp.

Na imensa bibliografia sobre Erasmo não são frequentes os trabalhos dedicados à sua actividade de tradutor. Por isso um estudo sobre a técnica e a arte da tradução do Holandês constitui, naturalmente, motivo de alguma atenção.

Erasmo traduziu exclusivamente de grego para latim, já que esta era a *sua* língua de cultura; o livro de Rummel incide, por conseguinte, sobre as versões de autores gregos — excluído o caso da versão novi-testamentária — que Erasmo foi fazendo ao longo da vida.

A actividade tradutora não era, nem é, normalmente alçada à categoria da dignidade concedida à criação original; o próprio Erasmo o sublinha em mais de um local: as traduções representaram para ele uma actividade de natureza lúdica ou então propedêutica ao estudo do texto sagrado.

Todavia, a tradução constitui uma actividade complexa, a que corresponde um acto hermenêutico que, como tal, ultrapassa os limites do domínio linguístico em que primordialmente é equacionada. Os antigos — e nesta matéria eles eram essencialmente Cícero e S. Jerónimo — deram-se conta dessa dupla natureza da tradução, ao distinguirem entre *sententia* e *uerbum*. Para o Holandês a questão não oferecia dúvidas sobre a possibilidade e a legitimidade do acto de traduzir: este revelava-se, no fundo, como mais um modo de concretizar a *imitatio* dos antigos.

Efectivamente, Erasmo, como humanista do Renascimento, não podia pôr em dúvida a possibilidade de que entre os antigos e os homens do seu tempo se instituisse uma similitude de perspectivas éticas que a escrita veiculava e fortalecia. Por outras palavras, a *sententia* dos antigos mantinha perfeita validade para os modernos e a tradução seria um meio eficaz de a concretizar. Mas a tradução — qualquer tradução — exerce-se de um *uerbum* para outro, de um sistema linguístico para um outro diferente, o que pressupõe um saber adquirido e uma capacidade de realização por parte do agente dessa transferência interlinguística. Deste modo, a tradução reveste-se também das características de uma exercitação. Ora é precisamente este o ângulo escolhido por Erika Rummel para estudar as atitudes de Erasmo como tradutor dos Clássicos.

Erasmo encaminhou-se para o estudo da língua grega em consequência — mas também em sintonia — da utilidade que pressentiu desde cedo no seu conhecimento para a preparação que procurava obter como intérprete de S. Paulo e de S. Jerónimo (p. 12, p. 17). Os anos de aprendizagem do grego começam, de facto, para Erasmo imediatamente a seguir à sua estadia em Paris, já que antes mal tivera oportunidade de se aproximar dessa língua. É então que verte para latim alguns discursos de Libânio e, depois, a *Hécuba* de Eurípides, a que se seguirá a *Ifigénia* do mesmo tragediógrafo. A partir de então, o estudo do grego e o exercício de tradução passam a fazer parte do itinerário cultural do Holandês; de uma forma mais ou menos visível, mas permanente, o grego estará presente na sua actividade de homem de letras até final da vida (p. 19). É certo que Erasmo nunca se definirá como um erudito na língua grega, mas antes como um *αυτοδίδακτος*, que utiliza o grego como um complemento imprescindível ao estudioso das línguas antigas e das suas literaturas e — já que residia aí o cerne dos seus interesses de humanista — ao intérprete e comentador das Letras Sagradas. Por isso defendia a integração do grego no quadro curricular da formação do cristão humanista.

O principal mérito do trabalho de Erika Rummel não reside no facto de ter elaborado um escalonamento das fases por que passou o itinerário grego de Erasmo (basta, para isto, atentar nos títulos dos capítulos e na tábuca cronológica das traduções e edições de autores gregos incluída nas pp. 171-173); o principal mérito do livro decorre da fina análise que a autora faz do comportamento de Erasmo como intérprete de textos gregos. O leitor é, assim, levado a assistir à reacção do humanista perante os textos antigos e à maneira como essa reacção se veicula para o texto latino em que se transforma a versão erasmiana.

É sobejamente sabido que a doutrina sobre o *fidus interpres*, na expressão de Horácio, se apoiava fundamentalmente em Cícero (*De optimo genere oratorum*) e em S. Jerónimo (*ad Pam.*, Ep. 57). A autora não deixa de evocar estas autoridades precisamente a propósito do primeiro ensaio erasmiano de tradução (se não contarmos com os *Dicta sapientum*, publicados em 1514 com os *Catonis disticha*), algumas *declamationes* de Libânio, sublinhando o talento de Erasmo em produzir uma versão de qualidade apenas com quatro anos de estudo do grego (p. 26).

O aspecto mais relevante que se nos afigura deve ser destacado no trabalho de Rummel reside precisamente na análise e no comentário do procedimento de Erasmo como tradutor de grego clássico para latim humanista. Judiciosamente a autora recorda na «Conclusion» que o *Ciceronianus* fixava a doutrina bem conhecida de Erasmo de que o valor dos clássicos não podia justificar uma *imitatio* que se convertesse numa obediência servil aos seus únicos padrões e considera, com toda a razão, que idêntica observação se deverá fazer quanto ao pensamento erasmiano relativo à tradução (p. 134).

Efectivamente, e tal como nos é mostrado por forma criteriosa ao longo deste livro, o Holandês revela-se, nas suas traduções de textos gregos, o humanista e o latinista que conhecemos de tantos outros escritos: o homem cuja sensibilidade e mentalidade piedosas a componente doutrinário-moral fortalece com o amor das *litterae humaniores*, mas também o homem que nunca perde de vista os factores determinantes da comunicabilidade nem as preocupações relativas à aceitabilidade dos seus escritos junto dos leitores seus receptores. Por isso Erasmo foi um pedagogo e ao mesmo tempo um grande latinista, para quem o latim constituía não só o canal mais fidedigno e transparente da cultura, mas também o mais eficaz meio de actuação pedagógica. Que o digam os *Colloquia familiaria*! Por isso cumpre trazer aqui à evidência uma afirmação de Rummel: «The rationale behind Erasmus' free translation was simple: this is what the author meant, he insisted, this is what he would say if he lived today, if he were a Christian, if he spoke Latin» (p. 135).

Efectivamente, quando deparamos com a tradução de *φιλανθρωπία* não pela transcrição latinizada de *philanthropia*, mas por *comitas* ou *humanitas* (p. 24-25), num claro distanciamento face à técnica da tradução *ad uerbum*, ou quando encontramos soluções destinadas a enriquecer a força retórica do texto, mediante, por exemplo, a equivalência de dois lexemas latinos, unidos em sintagma, a um único grego (geralmente um adjectivo), como em *φιλή* — *simplex nudaque* (p. 25), ou quando encontramos circunlóquios do tipo *cui fortuna fauerit* para *Ἐδδαίμων* ou *civilis et in administranda republica versans* para *πολιτικός* (p. 77-78), temos na nossa frente não só formas diversas que serviram a Erasmo para resolver casos concretos de interpretação, mas também e fundamentalmente exemplos da criatividade expressiva do humanista, que se mostra suficientemente sintonizado com a sensibilidade dos homens do seu tempo para procurar aproximar a *sententia* do escritor antigo dos gostos e das preocupações dos leitores quinhentistas. Acontece assim em passos cujo referente se encontra nas noções religiosas dos antigos (p. 112) ou então nos seus hábitos morais (p. 120).

A este propósito Erika Rummel oferece-nos a possibilidade de confrontarmos traduções de Erasmo com as de outros seus contemporâneos, como no caso do *Tyrannicida*, em que se utiliza a de Thomas More. Ninguém duvida do humanismo

do autor da *Utopia*, mas há que concordar com a autora quando salienta que em Erasmo a tradução se reveste de uma maior amplitude estilística, em busca de uma eficiência retórica e comunicativa que faltava na do seu amigo inglês: «Thomas More generally offers a plain and simple translation, following the original in structure and phrasing as far as Latin idiom permits; Erasmus likes to wax eloquent, to elaborate and expand on the original text.» (p. 64).

No entanto, nem sempre Erasmo é fiel ao termo grego original, porque às vezes comete erros de tradução, que procura emendar nas edições posteriores (cf. p. 58).

Convém todavia sublinhar, até porque a autora também o faz, que, ao traduzir as obras gregas clássicas, o procedimento de Erasmo aparece-nos orientado precisamente pela preocupação de compensar as perdas de eficácia comunicativa que acompanham uma tradução, mediante o enriquecimento lexical do texto na língua de chegada, situação que, note-se, não se revestia das mesmas características no caso da tradução dos textos sagrados cristãos. No caso, porém, dos clássicos pagãos, a *sententia* tinha de ser retoricamente vitalizada face ao leitor cristão; por isso, e como bem nota Erika Rummel, Erasmo valoriza essencialmente três aspectos na tradução: a clareza, a pureza e o valor estilístico (p. 92). É que, e de modo diferente, no caso das versões de textos da tradição sagrada cristã, a persuasão devia depender menos da ênfase dos ingredientes retóricos do que da força da verdade da palavra: «It is true that Erasmus paid more attention to stylistic elements in his secular compositions, which were aimed at a humanistically oriented readership, than in his biblical translations, which were written mainly for theologians, but while the demand for rhetorical appeal affected the biblical translator less than the interpreter of secular works, other considerations were of importance to both» (p. 101).

Como tradutor Erasmo coloca-nos na perspectiva do humanista do séc. XVI e do latim que os leitores seus contemporâneos esperariam ver utilizado. Não admirará, pois, que a autora anote com perspicácia o modo como o Holandês verte para latim as interjeições (p. 59), como também não admirará que, apesar da qualidade das traduções erasmianas, estas nem sempre tenham cativado os meios mais eruditos, com certeza mais vocacionados para a tradução *ad uerbum*, aparentemente mais rigorosa.

O papel desempenhado por Erasmo na promoção dos estudos gregos foi muito grande e constante; Erika Rummel destaca o facto, notando que «Erasmus' translations of Greek classics were his most significant contribution to Greek studies, but even when he was not actively engaged in the publication of classical texts he did his best to stimulate research.» (p. 128-129); mas valerá a pena lembrar aí o *De recta pronuntiatione* e o contributo erasmiano para a restauração da pronúncia do grego.

O trabalho de Erika Rummel constitui, sem dúvida, uma importante contribuição para a bibliografia erasmiana, não só pela qualidade da investigação científica nele revelada, mas também pelo facto de ter explorado um sector da vida e da actividade cultural do príncipe dos humanistas europeus do séc. XVI menos estudado e só aparentemente — como resulta salientado — menos valioso e significativo.

Reframos, a terminar, a utilidade das notas, do índice cronológico e do índice onomástico incluídos no final do volume, que facilitam, evidentemente, a consulta deste livro.

JORGE A. OSÓRIO